



O crescimento do aspecto religioso do Espiritismo no Brasil no Século XX e XXI

The Spiritism's religious aspect growth in 20th and 21st centuries in Brazil

Brasil Fernandes de Barros *

Resumo

Mesmo depois 160 anos da fundação do Espiritismo ainda são frequentes os debates entre os seus fiéis a respeito da tensão entre seu aspecto religioso e o científico. A doutrina, fundada, ou como dizem os espíritas, codificada por Allan Kardec no século XIX, surgiu em meio a uma profusão de novas teorias, concepções científicas e filosóficas, tendo sido fortemente marcada pelo legado iluminista e pelos pensadores de sua época. Porém, ao transportar-se para o Brasil a partir de 1865 e particularmente no século XX e início do XXI, fortaleceu-se o seu aspecto religioso e tornou-se a terceira maior religião Brasileira. O objetivo deste artigo é de demonstrar através de uma pesquisa bibliográfica, razões que tenham levado essa tradição a tornar-se de fato uma religião a despeito de inicialmente não ter sido esta a intenção de seu fundador. Desta forma apresentaremos perspectivas que demonstram como a cultura e o *ethos* brasileiro fortaleceram este aspecto religioso.

Palavras-chave: Espiritismo. Allan Kardec. Conceito de Religião. Chico Xavier. Fé Raciocinada.

Abstract

Even 160 years after the foundation of Spiritism, debates among its followers about the tension between its religious and scientific aspects are still frequent. The doctrine, founded, or as the spiritists claim, codified by Allan Kardec in the 19th century, emerged amidst a profusion of new theories, scientific and philosophical conceptions, having been strongly marked by the Enlightenment legacy and by the thinkers of its time. However, as it was transported to Brazil from 1865 on, and particularly in the 20th and early 21st centuries, it strengthened its religious aspect and became the third largest Brazilian religion. The aim of this paper is to show, through bibliographical research, the reasons which have led this religious tradition to become a religion, although this was not initially the intention of its founder. In this way, we will present perspectives that illustrate how the Brazilian culture and *ethos* have strengthened this religious aspect.

Keywords: Spiritism. Allan Kardec. Concept of Religion. Chico Xavier. Reasoned belief.

Artigo submetido em 23 de março de 2023 e aprovado em 27 de março de 2024.

* Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista PDPG /CAPES. Brasil. E-mail: brasil@netinfor.com.br.

Introdução

Para o pesquisador e/ou estudioso do Espiritismo, fundado por Allan Kardec (1804-1869) no século XIX, é conhecida a tensão que existe nesta tradição entre o seu aspecto religioso e seu aspecto científico. Sobre esta tensão já discorreremos anteriormente em nosso livro *A Busca de Kardec: Fé ou Razão* (Barros, 2022, p. 21), e no artigo *Fé inabalável e razão: o significado de religião para Allan Kardec* (Barros, 2019, p. 227-247). Nosso objetivo neste artigo agora é discorrer sobre as razões que levaram ao fortalecimento do aspecto religioso do Espiritismo no século XX e XXI no Brasil, já que nos trabalhos anteriores falamos sobre esta tradição contextualizada na França do século XIX.

Segundo as definições feitas por Allan Kardec, toda religião tem por objetivo a busca pela vida futura, a compreensão de como que se processam as questões de além-túmulo. Para ele, uma vez encontrada as explicações sobre como isso se processaria, as questões da vida futura através da lógica e da razão, que eram típicos do iluminismo na época em que surge essa doutrina, não haveria mais espaço para a fé cega presente nas religiões. Assim a partir desta visão, a lógica e a razão, deveriam ser os seus grandes propulsores e os dogmas das religiões perderiam seu lugar. Assim afirma ele:

Toda religião repousa necessariamente na vida futura e todos os dogmas convergem forçosamente para esse fim único. É visando atingir esse fim que eles são praticados; e a fé nos dogmas está na razão direta da eficácia que se lhes atribui para o alcançar. **A teoria da vida futura é, pois, a pedra angular de toda doutrina religiosa. Se essa teoria pecar pela base; se abrir o campo a objeções sérias; se se contradisser; se se puder demonstrar a impossibilidade de certas partes, tudo vai abaixo.** Antes de mais vem a dúvida, à qual sucede a negação absoluta, e os dogmas são arrastados no naufrágio da fé. Pensaram em escapar ao perigo proscrevendo o exame e fazendo da fé cega uma virtude. Mas **pretender impor a fé cega neste século é desconhecer o tempo em que vivemos**; refletimos, mau grado nosso; examinamos pela força das coisas; queremos saber como e porquê. O desenvolvimento da indústria e das ciências exatas nos ensina a olhar o terreno sobre o qual pisamos, razão por que se sondamos aquele onde, conforme dizem, marcharemos depois da morte; se não o encontramos sólido, isto é, lógico, racional, não nos preocuparemos com ele. Por mais que façam, não conseguirão neutralizar essa tendência, porque inerente ao desenvolvimento intelectual e moral da Humanidade. Segundo uns, é um bem; segundo outros, um mal. Seja qual for a maneira pela qual a encaramos, temos

de nos acomodar, queiramos ou não, porquanto não pode ser de outra maneira (Kardec, [1862]¹ 2007a, p. 153, grifos nossos).

Na visão de Kardec uma doutrina como o Espiritismo, que fosse baseada na filosofia, na lógica e na razão, e que resolvesse a questão da vida futura, seria o suficiente para unir as religiões e fazer com que as disputas e dúvidas nessa área fossem resolvidas (Barros, 2022, p. 60). Porém, mais de um século e meio depois nem o Espiritismo nem qualquer outra religião alcançou tal ponto. A razão, apresentada pela ciência natural não foi capaz de resolver as questões relacionadas aos mistérios do mundo. Toda a ciência que se desenvolveu no século XX e início do XXI não demonstrou até os dias de hoje evidências sobre a questão da existência de Deus, e a rigor inclusive a maioria dos pesquisadores sequer procuram estas evidências. A questão da existência de uma vida futura, ou a questão da fé, conforme destacadas na citação de Kardec acima foram solucionadas? Pelo contrário, penso que as respostas para a necessidade do ser humano de buscar esperança e entendimento a respeito das questões das relações entre o *transcendente e a realidade ordinária* ainda nos parece distante. Em pleno século XXI, surgem por todo lado crenças duvidosas de toda ordem, defensores do terraplanismo, teorias conspiratórias, negação da ciência vigente, tão fortemente vivida como a negação das vacinas, como por exemplo a negação da vacina do COVID-19 que levou a morte a tantos (Instituto Butantan, 2022). Outro ponto de destaque que, ao nosso ver, conecta-se com isto é o fato dos “sem religião” serem no Brasil o terceiro maior movimento em relação às religiões, o que está relacionado com o outro trecho grifado na citação acima: “[...] pretender impor a fé cega neste século é desconhecer o tempo em que vivemos.” Isso já era revelador no século XIX e muito mais nos dias de hoje, mas não se concretizou como esperado, ou seja, não houve por parte dos “sem religião” um movimento de afastamento da espiritualidade, mas sim das instituições que as professam (Senra, 2022, p. 9).

Quando surgiu o Espiritismo Kardec investiu na proposta de uma doutrina filosófico espiritualista secular e que seria um complemento às religiões, ele

¹ Aqui colocamos entre colchetes o ano original da publicação da obra, uma vez que, para as referências relativas à *Revista Espírita*, geralmente são tomadas pelo ano de sua publicação. Portanto, quando se trata das referências da *Revista Espírita* editada por Kardec, citamos entre colchetes, o ano original da revista seguido da(s) página(s) correspondente(s) da versão de 2007 na tradução de Evandro Noleto Bezerra de que foi tomada por referência. Esta notação será tomada, inclusive nas referências ao final deste trabalho.

afirma que:

Aliás, se a religião devesse ser destruída pelo Espiritismo, é que ela seria destrutível e o Espiritismo seria mais poderoso. Dizê-lo seria uma inabilidade, pois seria confessar a fraqueza de uma e a força do outro. O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. Ele é de todas, e não é de nenhuma em particular. Por isso não diz a ninguém que a troque. Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira e de observar as práticas ditadas pela consciência, pois Deus leva mais em conta a intenção do que o fato. Ide, pois, cada um ao templo do vosso culto, e assim provai que vos caluniam, quando vos taxam de impiedade (Kardec, [1862] 2007a, p. 62).

Esse pensamento secular esteve presente antes mesmo do surgimento das obras de Kardec, os chamados socialistas românticos do início do século XIX viam na proposta da reencarnação como uma alternativa entre uma ciência “dura” totalmente secular do iluminismo, sem sacrificar a existência de algo que fosse além da matéria, através da reencarnação. Lynn Sharp registra isso da seguinte forma:

A história também mostra como os espíritas e outros pensadores usaram a reencarnação para defender a reforma social, a mudança política e a mudança de visão de gênero. Por último, eu sustento que, ao invés do pensamento iluminista substituir a tradição religiosa católica na cultura francesa do século XIX, a relação da razão com a religião é mais complicada. As linhas do pensamento espiritualista no século XIX, especialmente o espiritismo, criaram novas combinações de espiritualidade, de razão e de perspectivas de romantismo que se recusaram a dar primazia absoluta à materialidade do Iluminismo ou à estreita religiosidade da Igreja Católica. A reencarnação e o espiritismo ofereceram uma versão secular da espiritualidade popular entre aqueles que podem ter querido rejeitar o catolicismo em favor da ciência, mas definitivamente queriam manter uma visão religiosa profundamente enraizada no mundo. [...] A reencarnação, para os socialistas românticos, para os livre-pensadores, e especialmente para os espíritas, era atraente porque promovia um ideal de progresso do Iluminismo sem sacrificar a religiosidade. A Espiritualidade Secular rejeitou uma dicotomia tradicional entre a religião e o Iluminismo [...] acrescenta uma nova dimensão ao ilustrar outro caminho de crença, nem totalmente secular nem totalmente católica, mas fortemente apegada a ambas as tradições (Sharp, 2006, p. xii, tradução nossa)².

² The story also shows how spiritists and other thinkers used reincarnation to argue for social reform, for political change, and for a changed vision of gender. Lastly, I argue that rather than Enlightenment thought replacing Catholic religious tradition in nineteenth century French culture, the relationship of reason to religion is more complicated. Lines of spiritualist thought in the nineteenth century, especially spiritism, created new combinations of spirituality, reason, and romantic outlooks that refused to give absolute primacy to either Enlightenment materiality or to the narrow religiosity of the Catholic church. Reincarnation and spiritism offered a secular version of spirituality popular with those who may have wanted to reject Catholicism in favor of science but definitely wanted to retain a deep-seated religious outlook on the world. [...] Reincarnation, for the romantic socialists, for freethinkers, and especially for the spiritists, was attractive because it promoted an ideal of Enlightenment progress without sacrificing religiosity. Secular Spirituality rejects a traditional dichotomy between religion and the Enlightenment. [...] adds a new dimension by illustrating another path of belief, neither fully secular nor fully Catholic, but strongly attached to both traditions. (Sharp, 2006, p. xii).

A partir desta tensão entre o secular e o religioso presente na França do século XIX, é que surgem as discussões que vão fazer, ao nosso modo de ver, com que o Espiritismo se torne uma religião. O Brasil herdou estas discussões, porém, a influência secular aqui era mais tênue (Ribeiro Junior, 2022, p. 96) e permitiu que o Espiritismo se tornasse a terceira maior religião de nosso país, com milhões de adeptos ao redor do mundo, só no Brasil segundo o censo de 2010 seriam cerca de 3,8 milhões. É a esta pergunta que se dedica este artigo. Por que que nas últimas duas décadas do século XIX, em todo o século XX e ainda no século XXI, o movimento espírita brasileiro enfrentou e até hoje enfrenta uma tendência de cisão entre os que acreditam somente no seu lado filosófico e científico, tornando-se ainda sim uma religião?

1. A herança do Espiritismo da França: uma religião dividida

Essa tendência de cisão entre os espíritas fortemente vivida durante o século XX no Brasil, na verdade, foi herdada pelo Espiritismo francês (Araujo, 2014, p. 51 a 53; Chibeni, 2003, p. 357; Kardec, [1869] 2007d, p. 198) no que em nossa tese chamamos de primeira fase do Espiritismo no século XIX. Na virada para o século XX, o movimento liderado pelos ocultistas entendia que as “[...] ciências, ofereciam explicações alternativas para os fenômenos espíritas. Os ocultistas, assim como os psicólogos, afirmaram ser os novos árbitros do invisível, os quais insistiam que os espíritos não eram necessariamente tão sobrenaturais quanto eles haviam afirmado.” (Sharp, 2006, p. 164, tradução nossa)³. Parte desse clima histórico, foi visto no *Congres de Psychologie* no ano de 1900, em que Gabriel Delanne (1857 – 1926) e León Denis (1846 – 1927), ambos defensores do Espiritismo, se pronunciaram na condição de principais líderes do Espiritismo francês depois da morte de Kardec (embora divergissem com relação ao seu aspecto religioso)⁴, contra as colocações que vinham sendo feitas a respeito da intervenção dos espíritos no mundo corporal. Lynn Sharp descreve tais eventos da seguinte forma:

³ [...] science, offered alternative explanations for spiritist phenomena. Occultists, like psychologists, claimed to be the new arbiters of the invisible, which they insisted was not necessarily as supernatural as the spirits had claimed. (Sharp, 2006, p. 164).

⁴ Leon Denis era defensor do aspecto religioso do Espiritismo enquanto Gabriel Delanne acreditava que ao contrário deveria se tornar cada vez mais científico, tendência esta que se propagou na França.

Em 1900, a comunidade científica em geral havia rejeitado as explicações dos espíritas sobre os fenômenos mediúnicos. No quarto *Congres de Psychologie, em Paris*, em 1900, espíritas e ocultistas tiveram sua última chance de participar do diálogo público com os cientistas que começaram a estudar os mesmos fenômenos. Em uma seção intitulada “Psicologia e Hipnotismo”, os espíritas foram “autorizados” a apresentar sua opinião. Os líderes das ciências heterodoxas se apresentaram em peso. Gabriel Delanne falou sobre a clarividência e a telepatia; e seu colega e líder espírita Léon Denis falou da captura por foto ou outros aparelhos de “radiações” humanas. Isso provou a manifestação dos espíritos. Uma figura ocultista líder, Dr. Encausse (Papus), apresentou medições elétricas de médiuns para provar que eles adquiriram mais energia (implícita ser extra-humana) quando funcionavam como médiuns. M. Dariex, editor do *Annales des sciences psychiques*, apresentou evidências sobre telecinese e Paul Gibier sobre as materializações dos fantasmas. O Dr. Grasset, ao descrever a conferência, gabou-se do caráter de mente aberta dos cientistas, mesmo diante de evidências tampouco convincentes (Sharp, 2006, p. 135, tradução nossa)⁵.

Desta forma o século XX na Europa iniciou-se com uma forte pressão sobre o Espiritismo com o intuito de invalidar os fenômenos espíritas/espiritualistas⁶, tentando atribuí-los à histeria e ao transe hipnótico com mensagens que seriam trazidas do subconsciente dos médiuns. (Sharp, 2006, p. 136).

Diferente do que aconteceu no período, entre 1860 e 1870, houve desinteresse pelos fatos espíritas por parte da comunidade científica que as via com desdém. Quando os fenômenos mediúnicos cresceram e não se limitavam mais às mesas ou aos objetos que se movimentavam surgiram fenômenos muito mais complexos, como a materialização de flores, doces e até espíritos inteiros com a manipulação de ectoplasma⁷. Os fenômenos se multiplicaram e muitos eram apresentados como verdadeiros shows, enquanto outros eram objeto de estudos científicos sérios (Monroe, 2008, p.3). Esses fenômenos despertaram, na

⁵ *By 1900, the scientific community in general had rejected spiritists' explanations of mediumistic phenomena. At the fourth Congres de Psychologie in Paris in 1900, spiritists and occultists had their last chance to participate in public dialogue with the scientists who had begun to study the same phenomena. In a section titled "Psychology and Hypnotism," the spiritists were "allowed" to present their view. The leaders of the heterodox sciences turned out in force. Gabriel Delanne spoke on clairvoyance and telepathy; fellow spiritist leader Leon Denis on the capture by photo or other apparatus of human "radiations" that proved the workings of the spirits. A leading occult figure, Dr. Encausse (Papus), presented electric measurements of mediums to prove that they acquired more energy (implied to be extra-human) when they functioned as mediums. M. Dariex, editor of the *Annales des sciences psychiques*, presented evidence on telekinesis, and Paul Gibier on the materializations of phantoms. Dr. Grasset, in describing the conference, boasted of the open-minded character of the scientists, even in the face of such unconvincing evidence.* (Sharp, 2006, p. 135).

⁶ Haveria conforme definições de Kardec, logo no primeiro parágrafo da Introdução de *O Livro dos Espíritos* (2008, p. 15), uma diferença entre Espiritismo e Espiritualismo. Esta diferença não é universalmente aceita, já que veremos muitos autores como por exemplo Arthur Conan Doyle (2013, p. 429) que as coloca na mesma “página” e inclusive é como foi tratada a questão no *Congres de Psychologie, de Paris*, em 1900.

⁷ Segundo o Espiritismo, o ectoplasma é uma substância viscosa, branca ou clara que sai das bocas e narizes de pessoas e seria manipulada pelos espíritos no processo de materialização de si mesmos e de objetos.

década de 1870, um crescente interesse dos cientistas na Inglaterra; na década de 1880 a participação em grupos espíritas na França aumentou, junto com um crescimento no número de periódicos, o que tornou o movimento mais visível. (Sharp, 2006, p. 132).

Em razão desta incredulidade dos cientistas da época, de acordo com Sharp (2006, p. 132) os espíritas se afastaram do meio científico tradicional e passaram a se autointitular cientistas, atuando em diversas frentes e invadindo o território de diversas ciências:

Astrônomos encontraram espíritas ocupados descrevendo os mundos plurais do cosmos. Curadores espíritas, fazendo curas nas pessoas através do conselho de espíritos, ameaçavam a autonomia profissionalizante dos médicos alopatas. Os espíritas também afirmaram que o mundo espiritual era a fonte dos fenômenos que os psiquiatras argumentavam que vinham do subconsciente. Tanto em Paris como em Marselha, leigos com inclinação para a ciência criaram sociedades para estudar fenômenos mediúnicos. Em 1878 P. G. Leymarie e Gabriel Delanne fundaram a Sociedade Científica de Estudos Psíquicos (*Société scientifique des études psychologiques*) para atuar em conjunto com a Sociedade de Estudos Espíritas (*Société des études spirites*), mais moralmente inclinada. Este grupo envolveu os espíritas mais elitistas de Paris. Delanne convidou cientistas da Inglaterra e da França para participar de sessões e para testemunhar por si mesmos as habilidades sobrenaturais dos melhores médiuns; alguns de seus convites foram respondidos (Sharp, 2006, p. 132, tradução nossa).⁸

O afastamento que segundo Sharp se deu entre os espíritas e os cientistas tradicionais de sua época fez com que os próprios espíritas fizessem ciência à sua maneira. Havia uma tensão entre a ciência e a religião como cita Monroe:

Assim como Weber, muitos outros presumiram que essa nova realidade implicava uma maneira particular de ver o mundo, baseada na objetividade “científica” e no rigor empírico. Para a mente moderna, na visão de muitos comentaristas do século XIX, o conhecimento válido era aquele baseado, acima de tudo, em fatos, acumulados imparcialmente e apresentados de forma que parecessem “falar por si mesmos” (Monroe, 2008, p. 5)

No período que vai de 1860 a 1870, enquanto esteve sob a condução de

⁸ Astronomers found spiritists busy describing the plural worlds of the cosmos. Spiritist healers, curing people through the advice of spirits, threatened the newly professionalizing autonomy of allopathic doctors. Spiritists also claimed the spirit world was the source of phenomena that psychiatrists argued came from the subconscious. Both in Paris and in Marseilles, scientifically inclined lay people created societies to study mediumistic phenomena. In 1878 P.-G. Leymarie and Gabriel Delanne founded the scientific leaning *Société scientifique des études psychologiques* (Scientific Society of Psychical Studies) to act alongside the more morally inclined *Société des études spirites* (Society of Spiritist Studies). This group involved the most elite spiritists in Paris. Delanne invited scientists, from England as well as France, to participate in seances and to witness for themselves the supernatural skills of the best mediums; few of his invitations were answered. (Sharp, 2006, p. 132).

Kardec, no auge de sua produção, o Espiritismo usou de uma abordagem filosófico-científica, particularmente pela influência positivista em suas análises dos fenômenos espíritas. Apesar disso, a própria mentalidade positivista, recurso amplamente utilizado pelos cientistas de seu tempo, foi usada para “combater as concepções idealistas e espiritualistas da realidade, concepções que os positivistas rotulavam como metafísicas” (Reale; Antiseri, 2005, p. 298). Entretanto, isso não afetou Kardec, pois ele afirmava que o Espiritismo “amplia, [...] o domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma ciência; como, porém, a descoberta dessa nova lei traz consequências morais, o código das consequências faz dele, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica.” (Kardec, O que é o Espiritismo, Cap. I, item V) (Kardec, 1989, p. 74). Sem querer afirmar que Kardec fosse positivista – uma vez que, para o positivismo somente o materialismo explicaria tudo, o que seria em si uma contradição –, ao ampliar o conceito de ciência, para Augusto César Araujo (2014, p. 95), ficou caracterizado uma espécie de positivismo espiritualista para ser aplicado ao mundo metafísico.

Essa ampliação do espectro da ciência citada por Araujo (2014, p. 95), feita por Kardec não se propagou da forma que ele esperava e isso tornou-se o nascedouro de uma enorme fonte de discussões que, como dissemos, dura até hoje. Há alguns que questionam⁹, mesmo dentro do Espiritismo atual, a validade das comunicações de seu maior expoente, Chico Xavier (1910-2002), e a ênfase que se faz ao aspecto religioso do Espiritismo no Brasil. Entendemos, como dissemos anteriormente, que o Espiritismo tem as mesmas bases de sua origem, pois nada do que foi trazido é “novo” do ponto de vista de seu conteúdo¹⁰. O Espiritismo em nada foi modificado na essência do que foi “codificado” (como dizem os espíritas) por Kardec. O que houve, ao nosso ver, foi o enfraquecimento da ênfase dada ao seu lado científico e filosófico e o fortalecimento do seu lado religioso por causa da influência da Igreja Católica. A princípio com a figura de Bezerra de Menezes (1831-1900), no fim do século XIX; depois, principalmente com Chico Xavier; e continuado até hoje com Divaldo Pereira Franco (1927) e

⁹ Algumas pessoas questionam alguns conceitos trazidos por Chico Xavier, porque por causa do conceito do Controle Universal do Ensino dos Espíritos explicado na introdução do Evangelho Segundo Espiritismo (2013, p. 15), de que uma ideia quando verdadeira provém de diversas fontes e não somente de uma. Certos conceitos apresentados por Chico Xavier teriam sido apresentados somente por ele e não validados por nenhuma outra fonte.

¹⁰ Para esta afirmação estamos tomando por base os princípios fundamentais da Doutrina Espírita presentes da Introdução de O livro dos espíritos (2008), em sua introdução item VI.

outros expoentes.

Não queremos nesse ponto entrar no mérito da discussão em si, se Espiritismo é ou não ciência ou se é válido o seu aspecto religioso. Queremos chamar a atenção para como isso dividiu os espíritas e não espíritas até os dias de hoje. Por consequência desse conceito expandido de ciências defendido pelos espíritas, encontraremos três vertentes: 01) aqueles que seguiram Kardec em sua nova forma de ciência e se mantiveram como espíritas ligados a uma corrente científica; 02) os que vão afirmar que o Espiritismo era pseudociência e o rejeitaram pois não aceitavam associar a ciência ao extraordinário; 03) os que vão ver nessa doutrina um aspecto religioso ou místico e que vão fazer do Espiritismo uma religião.

Há inclusive os que afirmam, como Figueiredo (2019, p. 81), que uma tradição mística teria se generalizado no movimento espírita brasileiro “como um cavalo de Troia”. Há ainda fortes discussões sobre a adesão dos *Quatro Evangelhos de Roustaing*¹¹ (1866a, 1866b, 1866c), do qual Chico Xavier foi acusado de ser defensor (Barros, 2021, p. 444) e que carrega uma forte característica mística em seu bojo.

Por que esse aspecto religioso se fortaleceu e fez do Espiritismo uma religião no Brasil?

2 O Fortalecimento do aspecto religioso do Espiritismo no fim do Século XIX

Iniciaremos este tópico com as afirmações de C.P. Tiele (1899) um dos pioneiros da Ciência da Religião, no final no século XIX, que já discutia a questão

¹¹ Essa obra de nome original: *Spiritisme chrétien, ou Révélation de la révélation. Les quatre évangiles suivis des commandements, expliqués en esprit et en vérité par les évangélistes assistés des apôtres*. (Roustaing, 1866a, 1866b, 1866c) é uma obra psicografada pela médium belga Émilie Collignon que, conforme os originais franceses, seria de autoria dos espíritos dos quatro evangelistas, assistidos pelos apóstolos e por Moisés, tendo sido coordenada pelo jurista francês Jean-Baptiste Roustaing. Esta obra foi e tem sido objeto de fortes discussões e é acusada de ter uma característica teológica muito grande e seu maior questionamento foi o fato de não ter sido validada por Allan Kardec, que se baseou no conceito de ensino universal dos espíritos, quando diz que: “Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina [...] até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita”. (Kardec, [1866] 2007c, p. 257).

da tentativa de compreensão do que é “desconhecido” bem como as questões da vida e da morte entre os conceitos da razão e da fé. Tiele aborda esta questão da seguinte forma:

Toda religião viva que dá frutos na vida humana – ou seja, toda religião enraizada na fé – se inicia com emoção, seja produzida pelo ensino por meio da pregação, seja por nossa própria contemplação da natureza ao nosso redor, seja por nosso embate com ela em nossa vida cotidiana. (Tiele, 1899, p. 25, tradução nossa).¹²

A nossa hipótese é que o aspecto religioso do Espiritismo se fortaleceu por diversas razões, uma delas é o aspecto emocional apresentado por Tiele na citação acima, em virtude da forma com que as pessoas ao seu redor entendiam e queriam entender o *transcendente*, que foi descrito por Kardec como mundo espiritual. Esse aspecto emocional nos leva a crer que, por mais que Kardec, com seu conceito filosófico-científico de religião, tivesse por base a lógica e a razão como principal pressuposto, isso não teria sido o suficiente para atender aos anseios das pessoas que estavam em busca de respostas sobre a vida futura. Tiele continua:

Seja o que for que a vida religiosa desperte dentro de nós, algo que nos toque diretamente, ou o fruto da experiência dos outros, ou ainda algo que tenha sido **transmitido e assimilado por eles à sua própria maneira particular, ela só poderá ter eficácia religiosa quando nossos corações forem genuinamente tocados por ela.** [...] Sua origem está mais profundamente enraizada na natureza do ser humano (Tiele, 1899, p. 25, grifos nossos, tradução nossa)¹³.

No texto acima, Tiele afirma que os “fiéis” serão tocados pelo que foi “[..] transmitido e assimilado por eles à sua própria maneira particular, ela só poderá ter eficácia religiosa quando nossos corações forem genuinamente tocados por ela.” Ou seja, há aí a questão da interpretação particular, mediada pela experiência do indivíduo, na qual normalmente é mais fácil aceitar a fé que toca o coração do que seu aspecto científico que acessa a razão. Embora haja aqueles que a explicação por via da razão seja o melhor canal, a preferência pelas vias do “coração” é muito mais comum, tanto que os seguidores do Espiritismo em sua

¹² Every living religion that bears fruit in human life—that is, every religion rooted in faith—begins with emotion, whether produced by teaching and preaching, or by our own contemplation of nature around us, or by our wrestling with it and with our lot in life. (Tiele, 1899, p. 25).

¹³ Whatever it be that awakens religious life within us, whether something that touches us directly, or the fruit of the experience of others, or even something that has been transmitted to them and assimilated by them in their own particular way, it can only possess religious efficacy when our hearts are genuinely moved by it. [...] Its origin lies more deeply rooted in man's nature. (Tiele, 1899, p. 25).

vertente somente científica praticamente deixaram de existir na Europa. Isso acontece porque o ambiente Europeu foi fortemente bafejado pelos ideais do iluminismo e do positivismo, que queriam libertar-se da influência das religiões e passaram, via secularização, a não aceitar bem esse aspecto. Entretanto, no Brasil, o papel da religião toca outras áreas, a do coração, dos sentimentos e das percepções eventualmente adormecidos:

As percepções só podem despertar o que já está adormecido dentro de nós, e pessoas mais dotadas podem exprimir o que até agora nos foi dado de forma inarticulada e até desconhecida em nossos corações, mas não podem nos dar nada além do que já possuímos, ainda que inconscientemente. Elas poderão nos revelar a nós mesmos, mas só o poderão fazer isso se estivermos religiosamente predispostos (Tiele, 1899, p. 25, tradução nossa)¹⁴.

No Brasil, o Espiritismo cresce quando a luta entre os chamados *laicos ou científicos* e os *religiosos ou místicos* foi vencida por esses últimos e tornou a Federação Espírita Brasileira – FEB uma instituição religiosa, que, inclusive, incluiu em seus estatutos, como parte de seus pressupostos, além das obras de Kardec os *Quatro Evangelhos de Roustaing*¹⁵, considerado por muitos espíritas como extremamente místicos. Ainda recorrendo ao que nos diz Tiele, “Devemos ressaltar [...] que a natureza precisa da disposição da mente na qual a fé se manifesta, seja ela motivada pela impressão da própria experiência ou pelas profissões de fé feitas por outros, e as características essenciais dessa fé. (Tiele, 1899, p. 25, tradução nossa)¹⁶.”

O Espiritismo tem uma proposta de fé acionada pela razão, é o que os espíritas chamam de “fé raciocinada”, mas, apesar de racional, ela se inicia na razão e desemboca no emocional. Dessa forma, o Espiritismo cresce e fortalece, tornando-se uma religião de fato, e com seu ápice nos fenômenos em torno de Chico Xavier que foram vistos aos olhos dos espíritas e não espíritas como “milagres” que, a despeito das explicações científicas dadas por Kardec, fizeram

¹⁴ Perceptions can but awaken what already slumbers within us, and more highly gifted persons may voice what has hitherto lain inarticulate and even unknown to us in our hearts, but they cannot give us anything beyond what we already, though unconsciously, possess. They may reveal us to ourselves, but they can only do so provided we are religiously predisposed. (Tiele, 1899, p. 25).

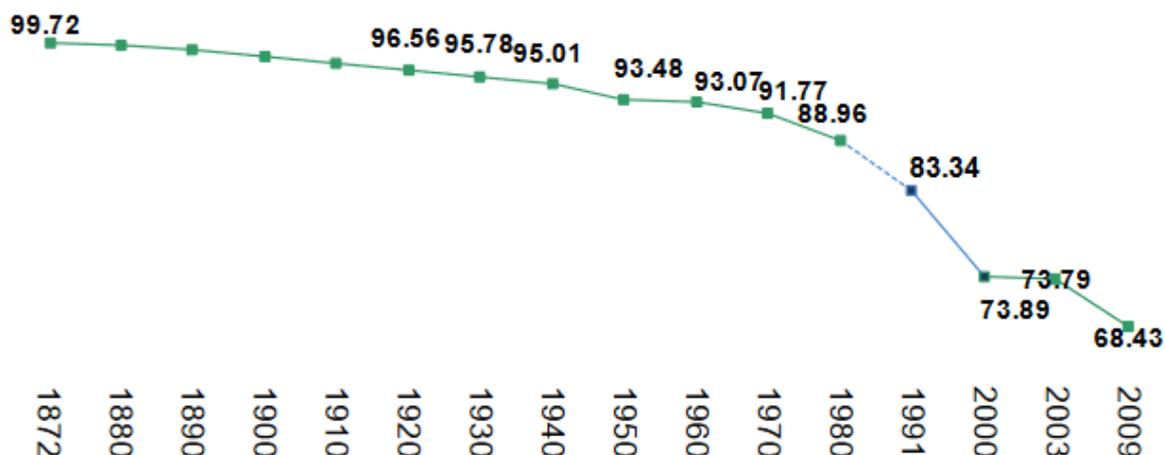
¹⁵ No ano de 2013 foram retirados após 10 anos de luta judicial a obrigatoriedade de estudo e difusão dos Quatro Evangelhos de Roustaing dos estatutos da FEB, já que isto era considerado cláusula pética. Cf. <http://dossieespirita.blogspot.com/2015/06/disputa-judicial-nos-bastidores-da-feb.html>

¹⁶ We must reserve [...] the precise nature of the disposition of mind in which faith manifests itself, whether aroused by the impression of one's own experience or by the professions of faith made by others, and the essential characteristics of that faith. (Tiele, 1899, p. 25).

de Chico um “santo não católico”, aos olhos da população em geral (Stoll, 2003, p. 193).

Entretanto, não é só o aspecto emocional que fez com que o Espiritismo fortalecesse seu aspecto religioso e, ao nosso ver, eventualmente místico. É relevante observar que o ambiente em que o Espiritismo se desenvolve no Brasil é extremamente diverso daquele encontrado na França, já que aqui, no período em que ele foi implantado, a influência católica era extremamente marcante. Observemos que o número de católicos no Brasil de 1872 até 1970 sempre esteve acima de 90% da população. Apesar de o estado ser laico, a partir de 7 de janeiro de 1890, pelo decreto 119, consagrado na constituição de 1891, a religião católica era a religião oficial e, portanto, com forte influência cultural.

Brasil: Participação de Católicos na População – 1872 a 2009



Fonte: (Neri, 2011, p. 7)

Essa influência cultural da Igreja Católica, marcada por essa grande presença quantitativa no Brasil, é confirmada pelo sacerdote chileno Segundo Galilea (1983, p.73), ao afirmar que ela tem características particulares, com forte influência no catolicismo popular latino-americano. Ele afirma que:

Um dos temas geradores da espiritualidade na América Latina é o do seguimento de Jesus pelo impulso do Espírito. Há um acento na humanidade de Jesus, o Jesus histórico, o Cristo dos evangelhos, **como modelo da prática cristã e como fonte de inspiração e de vida**. Esta corrente espiritual é causa e resultado ao mesmo tempo do crescente contato do povo e das comunidades com os evangelhos. Os

frutos do conhecimento, contemplação e seguimento da humanidade de Jesus levam a uma purificação da “cristologia popular”, com [...] uma melhor fundamentação teológico-espiritual para o apostolado, a opção pelos pobres e outros compromissos dos cristãos: eles percebem as semelhanças e analogias do contexto histórico-social em que Jesus realizou sua missão, com as situações e desafios atuais, de modo que facilmente podem ver na prática e nas atitudes de Jesus um modelo em que possam inspirar-se (Galilea, 1983, p. 75)

Este Jesus histórico citado por Galilea, “como modelo da prática cristã e como fonte de inspiração e vida” que levaria a uma “cristologia popular”, tem forte expressão no Brasil e cria um campo propício para um clima espiritualista compartilhado por diversas mentalidades, no qual o ser humano é povoado de forças e influências espirituais de toda ordem.

Há também todo um sincretismo religioso apontado por Sanchis (1997, p. 33) como fator de uma abertura popular para o que ele chama de “clima espiritualista”. “Orixás para alguns, mortos, santos ou entidades para outros, Nossas Senhoras que aparecem e vêm conviver com os homens, anjos, espíritos, forças cósmicas, demônios – ou tudo isso ao mesmo tempo -, Espírito Santo, enfim, para pentecostais e carismáticos” (Sanchis, 1997, p. 32). Estes aspectos são claramente percebidos no fortalecimento do aspecto religioso do Espiritismo, que foi particularmente identificado com a caridade aos pobres na figura de Chico Xavier. E foram exatamente essas as atividades de assistência social que ajudaram a legitimar o Espiritismo, antes fortemente perseguido policialmente e por alguns seguimentos da sociedade, a partir dos artigos 156, 157 e 158 do Código Civil de 1890, e posteriormente por interpretações dos artigos 282 e 284 do Código Penal Brasileiro.

A identificação do Espiritismo com a caridade e seu modelo de assistência social teriam sido um dos grandes responsáveis por sua aceitação no cenário das religiões brasileiras, como afirma Lemos Neto (2017, p. 97), que se identifica, ao nosso ver, com o modelo religioso latino-americano apresentado por Galilea, principalmente porque esta doutrina se identifica com a máxima “Fora da caridade não há salvação” trazida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Essa máxima é apresentada pelos espíritas como sendo fundamental para um modelo de salvação própria dessa religião, que se justifica a partir de passagens dos evangelhos de Jesus, onde é dito que a caridade e o amor ao próximo são o

caminho da salvação (Kardec, ESE, Cap. XV, item 1) (Kardec, 2013, p. 201). Essa máxima foi fortemente exaltada por Bezerra de Menezes, conhecido principalmente pelo título de “médico dos pobres” (Feesp, 2022), e responsável pela unificação do Movimento Espírita no Brasil. Além de Bezerra, ela foi levada ao extremo por Chico Xavier, quando, além de renunciar uma verdadeira fortuna proveniente da arrecadação com vendas de livros ele teve também uma forte dedicação pessoal no processo de assistência e compaixão para com os necessitados, no que chamaremos de “perspectiva de olhos abertos” (Metz, 2013, p. 11).

Apesar do Espiritismo ter iniciado em 1865¹⁷ no Brasil, é a partir de 1970, com Chico Xavier, que ele tem seu maior impulso. Isso ocorreu exatamente quando o movimento de queda do número de católicos começou a ser relevante, não que o Espiritismo tenha alguma responsabilidade sobre essa queda, mas é o momento em que inclusive outras religiões e os sem religião cresceram. (Neri, 2011, p. 7). Depois que as perseguições policiais haviam acabado, principalmente depois da instituição do parágrafo 7º do artigo 141 da Constituição de 1946, que promulgou a liberdade de crença religiosa (Brasil, 1946), é que os espíritas começam a perder o receio de se autoneomiar como seguidores dessa religião, e muitos católicos favoráveis aos conceitos da reencarnação começam a frequentar os centros espíritas, motivados pela fama de Chico Xavier. Isso se deu, principalmente, por causa das cartas provenientes do “correio espiritual” promovido pela psicografia do médium mineiro¹⁸. À medida que a popularidade de Chico Xavier cresceu, sua vida foi fortemente relacionada à vida dos santos e ele foi alçado a uma condição de veneração por espíritas e por muitos da população em geral na condição de um santo não católico. Isso fortaleceu de forma significativa a condição religiosa do Espiritismo.

¹⁷ O primeiro registro oficial da presença do Espiritismo no Brasil se dá neste ano, inclusive com referências feitas por Kardec na *Revista Espírita* em novembro daquele ano (Kardec, [1865] 2007b, p. 442). Entendemos que este ano de 1865 é simbólico, pois o Espiritismo chegou ao Brasil antes na cidade do Rio de Janeiro ficando limitado aos imigrantes franceses que residiam na capital e alguns intelectuais da época, e levou um tempo para se organizar. Esse grupo de espíritas era constituído em grande parte, de professores, jornalistas e comerciantes. Dentre os introdutores do Espiritismo no Brasil destacam-se Casimir Lieutaud, Adolphe Hubert e Madame Collard (Damazio, 1994). Mas é na Bahia que o Espiritismo se instalou de forma mais organizada. Ou seja, embora já houvesse no Brasil algum movimento em relação ao Espiritismo, foi lá que se formou o primeiro centro espírita de que se tem notícia, o Grupo Familiar do Espiritismo, fundado em 1865, sob a direção de Luís Olímpio Telles de Menezes (1828-1893) (Damazio, 1994).

¹⁸ Correio espiritual foi o nome que se deu às cartas trazidas por Chico Xavier por meio da psicografia, com informações de entes queridos mortos às suas famílias. O que tornou essas cartas famosas foi seu conteúdo, cujas informações às vezes até os próprios familiares desconheciam, mas que depois foram constatadas como verdadeiras (Souto Maior, 2003, p. 164).

Sandra Jacqueline Stoll (2003, p. 193), em seu capítulo quinto intitulado *A ética da Santidade*, trata da presença de caracteres associados à santidade que estariam presentes na vida do médium mineiro. A autora parece insinuar em seu texto que Chico Xavier tivesse assumido essas características de santidade de forma premeditada, como se esta tivesse sido criada para se afeiçoar a um modelo católico de santidade:

Inspirado nessa tradição, com a qual foi familiarizado na infância, Chico Xavier **recria a sua história de vida**, [...], em torno da idéia do sofrimento. Qualificativo da noção de santidade, essa categoria lhe permite alinhar episódios isolados que passam a ser lembrados como rosário de sacrifícios. A imagem tem forte ressonância: o mesmo mote organiza o relato de terceiros. Não há entre as obras consultadas alguma que sugira um outro *script*. O sofrimento figura em todas elas como o fio que tece e entrelaça os infortúnios da infância aos desafios da carreira religiosa, cujos percalços se somam, na velhice, aos sintomas do *stress* da rotina de trabalho e gradativa debilitação física (Stoll, 2003, p. 194, grifos nossos).

A autora diz ainda que:

A liderança religiosa de Chico Xavier emerge no meio espírita pouco mais de meio século depois da constituição dos primeiros grupos responsáveis pela difusão da doutrina no Brasil. Até então, raros eram os nomes de destaque com origem nos meios populares. Chico Xavier é uma exceção nesse sentido. Mas a sua importância extravasa esse detalhe. O que os relatos de sua história de vida sugerem é que foi ele um dos principais responsáveis pela consolidação do estilo de expressão da espiritualidade espírita, que se inspira no **modelo monástico de santidade católica** e o espelha, seja no que diz respeito aos temas fundamentais de sua ética – o sofrimento e a renúncia particularmente –, seja no que diz respeito às práticas de “afastamento do mundo” (Stoll, 2003, p. 196, grifos nossos).

No texto acima de Stoll, há que se problematizar a colocação que a autora faz de que Chico Xavier teria se espelhado em um “modelo monástico de santidade católica” e que ele “[...] recria sua história de vida, [...]”. Não podemos negar que há uma hagiografia em torno do médium mineiro, já que na maioria das tradições os seus fiéis tendem a supervalorizar os seus ídolos religiosos. Porém, em função da sua proximidade histórica, entendemos que há muito mais indícios verídicos de seu estilo de vida do que exageros em relação à sua história, inclusive com testemunhas vivas, vídeos, fontes primárias, que apontam para mais fatos fidedignos¹⁹ do que o contrário. O que percebemos em nossas

¹⁹ Não estamos tratando por fidedignos os fenômenos mediúnicos atribuídos a Chico Xavier, e sim os fatos cotidianos de sua vida e seu modo de viver.

pesquisas é que há, de fato, uma hagiografia a fim de justificar uma disputa, entre aqueles que são os detentores do legado biográfico, bibliográfico e material, como o museu Chico Xavier em Uberaba, inclusive com disputas judiciais. Isso se deu, por exemplo, no pedido de Eurípedes Humberto Higino dos Reis que exigia o reconhecimento legal como filho adotivo do médium, solicitando o direito do nome, imagens e pertences pessoais, com a alegação de que o nome de Chico vinha sendo usado indevidamente, pleito este que foi negado pela justiça (Apolinário, 2019). Em fevereiro de 2019, em visita pessoal ao Museu Chico Xavier em Uberaba, bem como ao Memorial Chico Xavier, administrado pela prefeitura, percebemos em conversas informais tais disputas sobre o legado imaterial do médium mineiro. Há também questões polêmicas nas quais se afirma que Chico Xavier seria a reencarnação de Allan Kardec (como consta na própria fachada do Museu Chico Xavier), fato que não é reconhecido pelo movimento espírita oficial liderado pela Federação Espírita Brasileira – FEB.

Fotografia 1: Foto da fachada do Museu Chico Xavier



FONTE: Arquivo pessoal de fotos do autor – Fotografia tirada em Uberaba em fevereiro de 2019.

Entendemos que estas características religiosas em relação ao Espiritismo estão presentes no imaginário dos brasileiros desde as últimas décadas do século

XIX, a começar com Bezerra de Menezes, o “médico dos pobres”, e que culminaram na década de 1970 com o auge de Chico Xavier. Isso fez com que os chamados espíritas *místicos* prevalecessem contra os *científicos* no começo do século XX na formação das bases do movimento espírita brasileiro, inclusive com adoção pela Federação Espírita Brasileira – FEB dos evangelhos de Roustaing.

O crescimento mais significativo dessa religião, porém, se deu a partir de Chico Xavier, que, segundo Stoll, “foi [...] um dos principais responsáveis pela consolidação do estilo de expressão da espiritualidade espírita, que se inspira no modelo monástico de santidade católica” (Stoll, 2003, p. 196) destacado anteriormente. Segundo a autora, esse modelo seria desenhado por um discurso de virtudes balizadas pelo “sacrifício”, “afastamento do mundo” justificada por “uma missão” conduzida por seu mentor Emmanuel, mas dedicado a Jesus Cristo. O afastamento do mundo citado por Stoll também tem que ser problematizado, pois, se ela quer dizer com isso o afastamento das coisas do mundo, das coisas materiais, isso se aplica à história do médium, já que a renúncia material foi claramente identificada por seus diversos biógrafos. Porém, se ela pretende que isto seja um afastamento “monástico” propriamente dito, isso seria um equívoco, já que a característica principal do monasticismo é o afastamento das pessoas, o isolamento para a oração, meditação e outras práticas. Como a própria autora define “santo é aquele que ‘foi separado’” (Stoll, 2003, p. 193). E isto definitivamente não se aplica a Chico Xavier, visto que ele sempre teve uma “perspectiva de olhos abertos” para as demandas dos mais necessitados e sempre esteve rodeado por eles e tinha uma atitude ativa em relação a isso como nos relata Suely Caldas Schubert:

[...] Estar com Chico Xavier era um aprendizado muito grande. Certa vez, eu participei de um trabalho muito belo que ele fazia. Consistia numa visita às pessoas mais necessitadas, à noite, e era chamado de peregrinação. Eu fui convidada para participar também, eram só umas quatro ou cinco pessoas com ele, e chamou uma outra senhora [...] e deu o braço a nós duas. [...] E então nós fomos. Chegamos ao local, [...] uma casinha muito humilde. Chico vai, faz prece, conversa com a pessoa. Isso é muito lindo. Ele fez isso muitos anos, chamava de peregrinação. Eu tive a felicidade de ir e assistir a isso. Então ele fazia uma prece, é como que aplicava o passe, passava a mão na cabeça da pessoa, fazia um carinho assim nos ombros. Era um passe, né?! Então fazia prece e depois, antes de sair, colocava um trocadinho num cantinho, assim, sabe? [...]... eu nunca soube quanto, mas era alguma coisa que ele colocava ali, entendeu? (Barros, 2021, p. 440).

Esse aspecto da compreensão da vida atrelando um aspecto emocional relacionado à caridade cristã associa-se ao que Kardec relata como sendo os caracteres do verdadeiro espírita que, em suas palavras, poderia ser tratado por cristão verdadeiro:

Bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados [...], que caracterizam **o verdadeiro espírita**, como **o cristão verdadeiro**, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando **fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam**. Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as conseqüências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo. **Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum?** Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. **Provém isso de que a parte por assim dizer material da ciência somente requer olhos que observem, enquanto a parte essencial exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar maturidade do senso moral, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado.** (Kardec, ESE, Cap. XVII, Item 4) (Kardec, 2013, p. 228, grifos nossos).

Para Kardec portanto a postura de um verdadeiro espírita seria emocional e ligada aos aspectos do coração: “O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: **é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé**” (Kardec, ESE, Cap. XVII, item 4,) (Kardec, 2013, p. 228, grifos nossos). Ou seja, vemos aqui o Espiritismo falando em fé não através da razão, mas da emoção, da sensibilidade. Os trechos citados acima deixam claro que não bastaria a razão para compreender as nuances mais profundas do Espiritismo. A razão seria a ferramenta necessária para compreender o mecanismo, para que fortalecida seja a fé; essa fé que no Espiritismo é chamada de “fé raciocinada”, cujo conceito explicaremos mais à frente. Portanto, para o Espiritismo, seria necessário que, além da compreensão racional, exista o entendimento de sua parte essencial que “exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar *maturidade do senso moral*” (Kardec,

ESE, Cap. XVII, Item 4).

Apesar de existir um grande interesse e curiosidade das pessoas ao redor do “extraordinário”, ou seja, do fenômeno mediúnico que envolvia a vida de Chico Xavier, é em torno principalmente da sua relação com as pessoas e de como ele as tocava no campo da emoção que seu trabalho se tornou muito significativo. A sua proximidade e atuação no campo da caridade e seu carisma de uma pessoa muito amorosa encantavam as pessoas, fossem elas espíritas ou não. Isso se dava porque, segundo ele mesmo, seguia o que dizia *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que afirma que essa doutrina seria o “consolador prometido” (Kardec, ESE, Cap. VI, item 3) (Kardec, 2013, p.100). E por mais claro que os pressupostos científicos e filosóficos dessa doutrina pudessem estar presentes, entendemos que foi por sua natureza de transformação do indivíduo, onde sua reforma íntima seria baseada na caridade ao próximo, que ela conquistou adeptos no Brasil. Nessa característica de transformação das pessoas na sua intimidade é que vai residir, ao nosso ver, uma característica mística nessa religião, que difere de outras religiões por ser fundamentada na razão, na compreensão dos fenômenos. Tiele também fala dessa tensão presente entre a crença e a razão:

Posso expor uma teoria científica de forma tão clara, e demonstrá-la de forma tão inequívoca, que ela explica certos fatos melhor do que qualquer outro, e que todo aquele que é capaz de seguir essa posição sem parcialidade ou preconceito deve se sentir obrigado a concordar com ela. Isto se aplica, no entanto, somente à convicção intelectual. Mas, a fim de fazer com que outros concordem com meus conceitos de fé, o mais convincente argumento será infrutífero, a menos que seus corações sejam tocados. Por mais poético e sublime que seja um conceito, por mais profunda que seja uma doutrina, por mais imponente e lógico que seja um sistema, embora possamos admirá-lo, não podemos adotá-lo como a expressão de nossa fé enquanto nossa crença for diferente. Há, de fato, um velho ditado que declara, com razão, que ninguém pode nos conceder a fé. Tal é o argumento. E tem sido tão repetido que se tornou um lugar comum. Não nego que há alguma verdade nisso. Mas não segue que seja completamente convincente, ou que possamos tirar a conclusão de que uma teoria científica pode ser transmitida por meio de uma demonstração racional, enquanto uma concepção de fé é incapaz de ser assim transmitida. Vamos examinar as duas proposições um pouco mais de perto. Serão elas tão diferentes assim? Não podemos fazer com que outros partilhem de nossas crenças se forem totalmente destituídos de fé, pois não podemos conceder-lhes a fé. Mas também não podemos fazer com que eles partilhem de nossa convicção científica se lhes faltar inteligência clara e bom senso, e isto não podemos lhes dar. Em ambos os casos, há um precedente de condição a ser preenchido antes que nossa manifestação possa ter efeito. Em ambos os casos, somos impotentes quando encontramos tolice, preconceito ou descrença. Certamente, então, é um erro sustentar que a ciência é comunicável, e a fé não é. A

verdadeira solução para esta dificuldade está, em suma, no fato, que ninguém contestará, de que a ciência e a fé têm, cada uma, uma esfera especial e um caráter peculiar, e que, portanto, devem ser proclamadas por métodos diferentes (Tiele, 1899, p. 39, tradução nossa).²⁰

Na citação acima, quando Tiele declara: “Por mais poético e sublime que seja um conceito, por mais profunda que seja uma doutrina, por mais imponente e lógico que seja um sistema, embora possamos admirá-lo, não podemos adotá-lo como a expressão de nossa fé enquanto nossa crença for diferente.” Assim, o processo cognitivo de um conceito, seja de origem religiosa seja de origem racional, só poderá ser tratado como uma experiência mística, se essa tocar, segundo William James (2017, p. 348), a qualidade noética dos indivíduos, ou seja “[...] estados de conhecimento e visões interiores profundas, geralmente transformadoras que não são sondadas pelo intelecto discursivo”. Tiele afirma ainda, que: “Não podemos fazer com que outros partilhem de nossas crenças se forem totalmente destituídos de fé, pois não podemos conceder-lhes a fé” (Tiele, 1899, p. 39).

Considerações Finais

Em todo nosso texto falamos a respeito de razão, crenças e de fé, mas o que é fé para o Espiritismo? Essa doutrina trata a fé como um conceito que advém dessa tensão que Tiele apresenta, o que seria uma contradição aparentemente insuperável, já que a fé só poderia ser alcançada somente através de uma crença, de uma firme convicção, enquanto a razão é aquela que duvida e que questiona. Entretanto, crer e duvidar não são práticas antagônicas segundo afirma o Espiritismo. A fé raciocinada de que fala o Espiritismo, apresentada por Kardec, seria a crença baseada em fundamentos, em um contraponto à “fé cega”, que deve

²⁰ I can expound a scientific theory so clearly and prove so plainly that it accounts for certain facts better than any other, that everyone who is capable of following my exposition without bias or prejudice must feel compelled to assent to it. This applies, however, solely to intellectual conviction. But in order to get others to assent to my conceptions of faith, the most cogent argument will be fruitless unless their hearts are touched. However poetically sublime a conception may be, however profound a doctrine, however masterly and logical a system, while we may admire it, we cannot adopt it as the expression of our faith so long as our faith is different. There is indeed an old saying which rightly declares that no one can give us faith. Such is the argument. And it has been so often repeated that it has become a commonplace. I do not deny that there is some truth in it. But it does not follow that it is absolutely convincing, or that we may draw the conclusion from it that a scientific theory may be imparted by means of rational demonstration, while a conception of faith is incapable of being thus imparted. Let us examine the two propositions a little more closely. Are they so very different? We cannot make others participants of our beliefs if they are entirely destitute of faith, for we cannot give them faith. But neither can we make them participants of our scientific conviction if they lack clear intelligence and sound judgment, and these we cannot give them. In both cases there is a condition precedent to be fulfilled before our demonstration can take effect. In both cases we are powerless when we encounter stupidity or prejudice or unbelief. Surely, then, it is a mistake to maintain that science is communicable, and faith is not. The true solution of the difficulty is, in short, to be found in the fact, which no one will dispute, that science and faith have each a special sphere and a peculiar character, and that they must therefore be proclaimed by different methods (Tiele, 1899, p. 39).

ser segundo essa doutrina aceita de forma dogmática, sem contestação. Essa fé raciocinada teria por base, em um primeiro momento, um movimento de compreensão dos fatos ou de fenômenos, e, a partir da compreensão lógica destes, torna-se convicção, então está fundamentada e é por isso que ele afirma que:

A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade* (Kardec, ESE, Cap. XIX, Item 7) (Kardec, 2013, p. 253).

A existência da fé, independentemente de como ela se fundamenta, portanto, é que vai fazer com que possamos tocar na questão do sagrado e do profano que tratamos em nosso livro *A busca de Kardec: Fé ou Razão* (2022, p. 128) e que vai fazer do Espiritismo uma religião. Como no Brasil há uma predisposição sincrética para o que Sanchis (1997, p. 33) chama de “clima espiritualista”, o fiel do Espiritismo se justifica pela fé raciocinada. E ainda, é uma doutrina concentrada na questão cristã e fenomenológica (leia-se aqui mediunidade) e cujos fenômenos têm forte conexão com aqueles que geralmente são relacionados com a mística religiosa. Desta forma, retornando à pergunta inicial: O que fez então com que o Espiritismo se tornasse uma religião? Em nosso entendimento, o que o fez uma religião, na prática, foi a sua capacidade de fornecer esperanças religiosas para as pessoas através do aspecto religioso, ou poderíamos até dizer, de seu aspecto místico. E afirmamos no aspecto místico porque, segundo seus fiéis, o Espiritismo fornece experiências transformadoras não pelos seus fenômenos, mas pelo conteúdo *noético* que traz no bojo de suas mensagens e ensinamentos. O seu aspecto científico que toca as pessoas pela razão atingiria as questões emocionais, criando uma “tradição de experiência” capaz de responder à agentes *metafísicos* de uma forma emocional e que “corresponde”, nos termos de Tiele, à fé. Esta fé teria para o Espiritismo uma forte conexão com Deus e Jesus, mas não nos termos apresentados pelo cristianismo católico ou protestante.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Paulo. Justiça nega pedido de dentista para ser reconhecido como filho adotivo de Chico Xavier. **Revista Revide**. Ribeirão Preto, 30 mar. 2019. Disponível em: <https://www.revide.com.br/noticias/curiosidades/justica-nega-pedido-de->

dentista-para-ser-reconhecido-como-filho-adotivo-de-chico-xavier/. Acesso em: 23 nov. 2022.

ARAUJO, Augusto César Dias de. **O Espiritismo, “esta loucura do século XIX”**, Juiz de Fora, 2014. 287 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

BARROS, Brasil Fernandes de. FÉ INABALÁVEL E RAZÃO: o significado de religião para Allan Kardec. **Interações**. v. 14, n. 25, p. 227-247, jan./jun. Belo Horizonte: 2019. Disponível em: <http://http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18214/16536>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BARROS, Brasil Fernandes de. Um pouco de Chico Xavier por Suely Caldas Schubert. **Interações**. v. 16, n. 02, p. 430-447, jul./dez. Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/25846/18837>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BARROS, Brasil Fernandes de. **A Busca de Kardec: Fé ou Razão**. Curitiba: CRV Editora, 2022

BRASIL. [Constituição (1946)]. Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Senado Federal, 1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1940-1949/constituicao-1946-18-julho-1946-365199-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CHIBENI, Silvio Seno. O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso (parte II). **Reformador**, Rio de Janeiro, ano 122, n. 2094, p. 356-359, set. 2003.

DAMAZIO, Sylvia. **Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DOYLE, Arthur Conan. **A História do Espiritualismo: de Swedenborg ao início do século XX**. Brasília: FEB, 2013.

FEESP. Federação Espírita do Estado de São Paulo. **Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti**. Disponível em: <https://www.feesp.com.br/adolfo-bezerra-de-menezes-cavalcanti>. Acesso em: 20 dez. 2022.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. **Autonomia a história jamais contada do Espiritismo**. São Paulo: FEAL, 2019.

GALILEA, Segundo. **As raízes da espiritualidade latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1983.

JAMES, William. **As Variedades da Experiência Religiosa**. Um Estudo Sobre a Natureza Humana. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. Tradução Guillon Ribeiro. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano quinto.

Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB [1862] 2007a.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano oitavo. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB [1865] 2007b.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano nono. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB [1866] 2007c.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano décimo segundo. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB [1869] 2007d.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução Guillon Ribeiro. 91 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2013.

INSTITUTO BUTANTAN. Não vacinados representam 75% das mortes por Covid-19, diz estudo brasileiro. **Portal do Butantan**, 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/nao-vacinados-representam-75-das-mortes-por-covid-19-diz-estudo-brasileiro>. Acesso em: 25, mar. 2024.

NETO, José Pedro Simões. Identidade Espírita no Brasil e em Portugal: uma comparação institucional. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 8, n. 1, p. 95-118, 2017.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MONROE, John Warne. **Laboratories of Faith - Mesmerism, Spiritism, and Occultism in Modern France**. New York: Cornell University, 2008.

NERI, Marcelo Côrtes. **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. Disponível em: https://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf. Acesso em: 17 mar 2022.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. Do romantismo até nossos dias. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005. v. III.

RIBEIRO JUNIOR, Adair. **A obra esquecida de Angeli Torteroli: o Espiritismo no Brasil e em Portugal**. São Paulo: CCDPE-ECM, 2022.

ROUSTAING, J. B. Spiritisme chrétien, ou Révélation de la révélation. **Les quatre évangiles** suivis des commandements, expliqués en esprit et en vérité par les évangélistes assistés des apôtres. Tome Premier - Paris: Librairie Centrale, 1866a.

ROUSTAING, J.-B. Spiritisme chrétien, ou Révélation de la révélation. **Les quatre évangiles** suivis des commandements, expliqués en esprit et en vérité par les évangélistes assistés des apôtres. Tome Deuxième- Paris: Librairie Centrale, 1866b.

ROUSTAING, J.-B. Spiritisme chrétien, ou Révélation de la révélation. **Les quatre évangiles** suivis des commandements, expliqués en esprit et en vérité par les évangélistes assistés des apôtres. Tome Troisième - Paris: Librairie Centrale, 1866c.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. v. 1, n. 2, p. 28-43, 1997. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412/398>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SENRA, Flávio. SEM RELIGIÃO: um tema para investigação, **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, Brasil, v. 17, n. 01, p. 008-014, jan./jul.2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/28300>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SHARP, Lynn L. **Secular Spirituality**. Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-Century France. United Kingdom: Lexington Books, 2006.

SOUTO MAIOR, Marcel. **As Vidas de Chico Xavier**. 2. ed. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

STOLL, Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp/Orion, 2003.

TIELE, C.P. **Elements of the science of religion**: part II. Ontological. Londres: William Blackwood and sons, 1899